

## CONCLUSÃO

Ao longo desse trabalho estabelecemos um diálogo entre a Filosofia Analítica e a Antropologia, apontando alguns pontos de inter-fecundação entre as duas disciplinas. Aquela, se num primeiro momento surge com o objetivo de clarificar nossa linguagem com base em uma estrutura ideal universal, passa a ser confrontada com uma diversidade de formas lingüísticas, com uma multiplicidade de usos e práticas lingüísticas não equacionáveis a um sistema comum. Assim, a noção de um sistema unitário de linguagem fragmenta-se em inúmeros jogos de linguagem, que devem ser compreendidos de acordo com a forma de vida na qual se inserem.

Essa concepção contextualista da linguagem é introduzida na Filosofia Analítica por um de seus maiores expoentes, o filósofo Ludwig Wittgenstein. Este, que na sua fase mais jovem havia defendido uma forma de referencialismo, que supunha uma relação bi-unívoca entre um termo e o objeto simples que nomeia, em sua fase posterior passa a defender uma autonomia da gramática que regula o uso de nossas expressões – ela não mais se refere à suposta essência da realidade, mas sim à aplicação de conceitos, ao uso correto das palavras. Ela constitui nossa forma de representação, nosso modo de ver as coisas. Uma proposição assume a função de regra gramatical se é empregada como padrão de uso correto de expressões, mas seu estatuto lógico pode mudar de acordo com nosso modo de utilizá-la. “Proposições empíricas são ‘solidificadas’ e transformadas em regras, e regras perdem seu estatuto privilegiado e são abandonadas”<sup>200</sup>.

A abertura na obra de Wittgenstein para uma concepção contextual da linguagem e para a relatividade de formas de representação se deu, em parte, por seu contato com a antropologia. Ao ler a obra do antropólogo James Frazer, o filósofo desenvolveu críticas a ela que já prefiguram algumas das concepções características da segunda fase de sua filosofia. As tentativas de Frazer de

---

<sup>200</sup> GLOCK, 1998[1996], p.172.

interpretar as crenças nativas incorrem, aos olhos de Wittgenstein, em graves equívocos. A narrativa do antropólogo das crenças e ritos mágicos como sendo aplicações errôneas de princípios básicos do pensamento leva à crítica de Wittgenstein de que essas concepções não podem ser consideradas erradas em si mesmas, mas apenas quando se pretende explicá-las através de paradigmas exteriores a elas. É a própria tentativa de Frazer de explicar a magia através de padrões científico-causais, bem como a sua suposição de um esquema linear no qual a ciência estaria num estágio evolutivo mais avançado do que a magia, que constituem um ‘erro’, e não a prática mágica em si. A maneira científico-causal de explicação é apenas uma forma de organizar os dados, no entanto, não é mais correta do que qualquer outra, de acordo com o filósofo.

Em contrapartida, Wittgenstein defende que devemos apenas descrever os fatos, apontando algumas conexões que estabelecemos entre os fenômenos da experiência, de forma que nos possibilite chegar a uma compreensão dos critérios que utilizamos para conectar as coisas no mundo. A essa forma de descrição, que não deve acrescentar nenhuma explicação, Wittgenstein chama de ‘representação perspicua’. Ela não pretende estabelecer “a ordem” de nossas conexões, mas apenas apontar “uma ordem” estabelecida para cada caso específico. O filósofo afirma ainda que o fato de Frazer utilizar conceitos característicos de nossa própria cultura para explicar os nativos implica em erros, dado que cada conceito deriva seu significado do papel que desempenha em sua cultura; além disso, implica afirmar que deve haver algo em comum entre esses conceitos para que possam ser ‘equacionados’.

Podemos deduzir dessa discussão alguns pontos importantes da concepção wittgensteiniana para tratar da comensurabilidade entre diferentes culturas e práticas lingüísticas. Primeiramente, devemos levar em consideração o caráter contextual do significado, que vai contra a idéia de um fundacionalismo semântico. A partir desta concepção contextualista afirma-se que nossos significados são determinados o suficiente para que uma prática comunicativa possa ocorrer com sucesso, embora ainda existam alguns graus de indeterminação. O significado é determinado de acordo com o contexto, pelo papel que o termo desempenha no ato comunicativo, pelas técnicas de uso que os falantes de uma comunidade compartilham. Dessa forma, a compreensão dos conceitos só pode se dar sobre o pano de fundo de uma forma de vida compartilhada.

A concepção acima defendida suscita o problema da tradução entre linguagens e compreensão de diferentes culturas. Dado que os significados não são fixos, determinados por uma estrutura universal, eles podem ser interpretados de diferentes maneiras de acordo com o uso. Como podemos então compreender a linguagem de uma cultura diferente da nossa? De acordo com Wittgenstein é necessária a convergência de padrões comportamentais, de certas capacidades perceptuais e mentais humanas básicas. Tal requisição de um “solo comum” de comportamentos, no entanto, não impede uma diversidade de formas de representação, jogos de linguagem e formas de vida.

Essa questão da racionalidade, tradução e comensurabilidade de culturas e práticas lingüísticas foi (e ainda é) amplamente discutida. Podemos delinear, de forma geral, duas linhas de argumentação nas quais sucessores de Wittgenstein se dividiram: os ‘unificadores’ e os ‘relativistas’. Cada um a seu modo, discutiram a possibilidade de comensuração de diferentes culturas e formas de representação. Essa discussão, em parte motivada por Wittgenstein, foi incorporada no pensamento antropológico e filosófico atual.

Num último momento, passamos então a propor uma nova possibilidade de interlocução entre a filosofia analítica e antropologia, dado que a anterior gerou frutos tão importantes. O que se pretendeu com isso foi pensar em novas transformações e rupturas nessas duas disciplinas, e principalmente, pensar em novas possibilidades para a filosofia analítica, tanto de método, quanto de objeto, posto que de acordo com o que afirma a proposta antropológica apresentada, a relação entre contextos gera um novo contexto, da relação entre diferentes empregos de palavras surgem novos conceitos. O objetivo de tal proposta não foi o de definir um novo método de análise ou de comensurabilidade de culturas e formas de representação através de uma comparação/junção dos pensamentos aqui apresentados, mas apenas apresentá-los para que, a maneira da representação perspicua buscada por Wittgenstein, possamos perceber algumas conexões que nos levem a alguns *insights*, evitando explicações que não se apresentem como meras possibilidades interpretativas.